

O ENCADEAMENTO DE CHAVÕES COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE TEXTOS*

Liliane Moreira Santos**

RESUMO: Neste trabalho examinamos quatro textos de folhetos de distribuição gratuita, de conteúdo comercial ou político. Observando as inadequações nesse tipo de texto, procuramos mostrar que eles são construídos a partir de um modelo textual subjacente. Como explicação para as inadequações observadas, propomos que o mal conhecimento, por parte do redator, do funcionamento do modelo que ele tenta reproduzir faz com que ele lance mão de lugares-comuns e chavões para preencher uma estrutura global, na tentativa de impressionar seu destinatário.

Palavras-chave: discurso, modelos textuais globais, chavão, folheto.

1. INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem por objetivo tecer alguns comentários acerca da utilização de determinadas estratégias lingüístico-discursivas na produção de textos de folhetos de propaganda política ou comercial, de distribuição gratuita.

Esse tipo de folheto volante foi muito bem estudado por Pinto (1996), numa perspectiva sociolingüística, em trabalho que enfoca principalmente a organização gráfica do texto e suas características sintá-

* Este trabalho representa uma reformulação e uma atualização de uma comunicação apresentada sob o título "Atenção! Não jogue fora este folheto!", durante o IX Congresso Internacional da ALFAL, realizado no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, em 1990.

** Universidade de São Paulo.

¹ Para conhecimento do conteúdo integral de cada um dos textos comentados, vejam-se os anexos, no final deste artigo.

ticas e léxicas – principalmente os desvios em relação à norma culta específicos de tais textos e que os diferenciam do português padrão e os caracterizam como pertencentes a uma variedade do português que se pode chamar de *popular*.

Nosso trabalho apresenta um enfoque diferente: não nos preocuparemos em fazer um levantamento das categorias sintáticas e/ou lexicais dos textos examinados. Antes, dados sintáticos e lexicais servirão como ilustração do procedimento básico que identificamos como presidindo à *produção* de tais textos, conforme veremos a seguir.

2. OS TEXTOS

Tomamos como exemplo quatro folhetos¹: a) um anúncio de uma cartomante (Texto 1 – T1); b) um convite para uma festa junina, promovida pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil (Texto 2 – T2); c) um boletim sobre a mudança das instalações da Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, de Limeira para Campinas (Texto 3 – T3); d) um boletim a respeito das eleições para o Grêmio Estudantil da E.E.S.G. “Culto à Ciência”, de Campinas (Texto 4 – T4).

Evidentemente, esses quatro textos não se destinam todos ao mesmo público-alvo. No caso dos dois primeiros, seus destinatários presumíveis são, como observa Pinto (*op. cit.*, p. 12) “passantes eventuais, um pequeno público indiferenciado”. Quanto aos dois últimos textos, seus respectivos públicos-alvo apresentam contornos mais nítidos: trata-se de estudantes – universitários, no caso de T3, secundaristas, no caso de T4.

Também divergem os produtores de tais textos: no tocante a T1 e T2, pode-se presumir, como assinala Pinto (*ibid.*), que tal “forma de língua [seja] produzida por detentores de instrução primária completa ou incompleta” – uma forma de língua que, segundo a autora, apresenta características permitindo opô-la à variedade culta da língua. T3 e T4, por outro lado, têm estudantes como produtores presumíveis – ou seja, dado o tipo de conteúdo que veiculam e o público a que se destinam, podemos considerar que seus autores pertencem à mesma cama-

da da população a que se destinam seus escritos. (Isso num primeiro momento, pois ambos os textos pretendem, por razões diversas e que não serão discutidas aqui, atingir um público mais amplo.) Desse modo, podemos dizer que o público preferencial de T3 são estudantes universitários, ao passo que o público preferencial de T4 constitui-se de estudantes do segundo grau.

Esses fatores trazem conseqüências para os aspectos formais do texto. Assim, notamos uma maior familiaridade com a norma escrita em T3 e T4, familiaridade esta que se opõe a uma dificuldade de expressão escrita que se pode notar em T1 e T2. Tais constatações encontram-se igualmente em Pinto (*ibid.*), sendo a razão que a leva a excluir de seu estudo “o trabalho dos grafiteiros, os quais pertencem a uma camada da população dotada de instrução secundária e até superior”. Por outro lado, nos folhetos volantes nota-se o afloramento de “uma certa censura ortográfica e até gramatical, ocorrendo com menor freqüência [do que em textos espontâneos] traços que indicam possível infiltração da fala na língua escrita e praticamente nunca as falhas mecânicas de execução gráfica, como inversão das letras, desigualdade nas suas dimensões e defeitos na separação das sílabas”.

Se por um lado nossas observações vão no mesmo sentido que as de Pinto, por outro lado nosso interesse não é o mesmo que o dessa autora. O que pretendemos examinar, aqui, são as estratégias utilizadas na construção desses textos que se destinam a um largo auditório. Acreditamos que o fato de se dirigir a um público extenso – cujos contornos podem ser mais ou menos bem definidos – traz conseqüências também para as estratégias utilizadas na própria elaboração do conteúdo que se deseja transmitir. É sobre esse fator – a utilização de estratégias para chamar a atenção de um público extenso e mais ou menos definido – que versará nossa exposição.

3. AS ESTRATÉGIAS

Nossa principal hipótese de trabalho é a de que, independentemente de variáveis como a classe social do produtor do texto e de seu

leitor-alvo, ou ainda seu nível de escolaridade – que em alguns casos apenas podemos supor –, o procedimento básico utilizado para a construção do texto é o que chamamos *encadeamento de chavões*, o que parece ser tão importante quanto – ou até mesmo mais importante do que – o conteúdo a ser veiculado. Esta hipótese nasce da constatação de uma característica comum aos quatro textos aqui examinados: malgrado todo um esforço em direção à formalidade e à sofisticação – que se observa a partir da utilização de determinados procedimentos gramaticais –, esses textos são todos igualmente mal realizados, justamente do ponto de vista da formalidade e da sofisticação. Esta constatação leva-nos a perceber que não se confirma uma possível expectativa de que a escrita evidenciasse, de algum modo, algum(ns) nível(is) de estratificação social. Conforme veremos mais adiante, essa tentativa de sofisticação se evidencia sobretudo na utilização de certos recursos léxicos e sintáticos.

Contudo, não é a realização formal dos textos o nosso ponto de interesse: o que será discutido, como já adiantamos, serão os processos de construção dos textos. Referências a questões formais serão feitas somente na medida em que se fizerem necessárias para a nossa discussão.

Como hipótese explicativa dos fenômenos que serão aqui comentados, parecem-nos bastante adequadas as observações de Lemos (1977). Examinando redações produzidas por vestibulandos, a autora encontra como possível explicação para as inadequações encontradas nesse tipo de texto o fato de que sua construção se faz “como um conjunto de operações de preenchimento de uma estrutura previamente dada, ou inferida de textos-modelo” (p. 62). Ainda segundo Lemos, “essa estrutura – esquema ou arcabouço – definível como uma articulação de posições vazias – seria preenchida com asserções genéricas ou específicas, construídas a partir das evocações que o título da redação possa sugerir. Isso equivale a dizer que o vestibulando, em geral, operaria sobre um modelo formal pré-existente à sua reflexão sobre o tema. Ou melhor, que a organização sintático-semântica de seu discurso não representaria o produto de sua reflexão sobre o tema,

mas, ao contrário, de um arcabouço ou esquema, preenchido com fragmentos de reflexão ou evocações desarticuladas” (*ibid.*)².

O que pretendemos neste trabalho é estender essa análise a outros tipos de texto, produzidos em outras condições: segundo o que podemos perceber, os textos do tipo dos que examinamos evidenciam o fato de que a construção de um texto se faz por meio de uma operação de “preenchimento de uma estrutura previamente dada”, ou de adequação do texto a um modelo prévio. De acordo com nossa análise, a estrutura tomada como modelo atua no sentido de promover o encadeamento de chavões, no momento da construção do texto.

4. O CHAVÃO

Buscando definir o conceito de *chavão*³, deparamos com uma dificuldade que, segundo Eco (1979, p. 69), “Croce reconhecia como típica da arte: todos sabem muito bem o que é, e não hesitam em individualizá-lo e apregoá-lo, mas atrapalham-se ao defini-lo”⁴. Continuando nossa busca, encontramos em Sabino (1984) algumas observações que, se não definem, ao menos ajudam a refletir sobre esse conceito. De acordo com Sabino, “quando um substantivo e um adjetivo aparecem sempre juntos, acabam formando um lugar-comum (...). Alguma coisa comum, ou seja, trivial, batida, vulgar, ordinária como ex-

² Essa é a segunda de duas hipóteses encontradas por Lemos para explicar as “inadequações encontradas, em geral, na organização sintático-semântica da redação do vestibulando”.

“A primeira delas seria a de que, apesar de ter sido exposto a textos dissertativos escritos e de ter recebido instruções e/ou treinamento com vistas à elaboração da redação, o candidato chega ao vestibular sem ter adaptado os recursos sintáticos de que dispõe, e que utiliza na modalidade oral, à produção escrita. As estratégias por ele utilizadas seriam, então, representativas da mera transferência ou aplicação das regras de uso, subjacentes à sua produção oral, à produção escrita, daí resultando inadequações” (Lemos, 1977, p. 62).

³ Neste artigo, utilizamos as expressões “chavão” e “lugar-comum” como equivalentes.

⁴ No texto em questão, Umberto Eco estuda a “estrutura do mau gosto”, que, de acordo com o autor, “padece a mesma sorte que Croce reconhecia como típica da arte”.

pressão de uma idéia (...) a trivialidade nasce da sua repetição”. Ainda segundo o autor, “desde que os homens se organizaram em sociedade, tiveram de depender do lugar-comum para sobreviver. Segundo Mencken⁵, ele nasceu do medo do desconhecido. A segurança da sociedade humana estaria na suposição de que o homem reagirá sempre de maneira já conhecida e consagrada, para não criar uma nova situação que ninguém saberia enfrentar: exigiria o exercício do pensamento independente, o que para muitos é totalmente impossível, e para a grande maioria bastante penoso”.

Sem nenhuma intenção de discutir o conceito de chavão – como também sem querer determinar sua gênese ou as dificuldades causadas pelo novo –, vamos utilizar, para este trabalho, uma definição aproximativa, que conjugue as intuições até aqui apresentadas. Em outras palavras, chamaremos de *chavão* ou *lugar-comum* às palavras ou expressões que podem ser reconhecidas como triviais, como um modo (extremamente) corriqueiro de expressar (ou apresentar) uma idéia.

Ao lado dessa noção – a que chamamos **chavão discursivo** –, também utilizaremos a noção (por nós batizada) de **chavão sintático**. Trata-se do uso de determinadas construções, como inversões sintáticas simples (por exemplo, utilização da ordem VERBO-SUJEITO em lugar de SUJEITO-VERBO, ou ADJETIVO-SUBSTANTIVO ao invés de SUBSTANTIVO-ADJETIVO), do emprego de conjunções como *pois* (em lugar de *porque*) e *entretanto* (no lugar de *mas*) e do uso abundante de adjetivos.

Vejamos mais de perto, pelo exame dos textos utilizados como exemplo, o funcionamento dessas estratégias.

5. TEXTOS 1 E 2

Os dois primeiros textos – o anúncio da cartomante e o convite para a festa junina – foram, com certeza, redigidos sob condições bastante mais coercitivas do que os dois últimos – o boletim “Muda Civil” e a carta sobre as eleições do Grêmio Estudantil –, uma vez que tanto os

⁵ Sabino refere-se a Mencken, L.H. (s.d.) *Selected Prejudices*, ed. Jonathan Cape.

assuntos de que tratam como a forma sob a qual devem aparecer delinham situações de produção bastante mais rígidas do que aquelas que comandam os dois últimos textos. Como nota Pinto (1996, p. 13), “bastaria a intermediação da tipografia para conferir a tais textos um caráter convencional, evidenciado em certa censura gramatical e ortográfica, paralelamente a menor infiltração da fala e correlatamente a certa tendência à hipercorreção e à pretensão literária. O convencionalismo, que se manifesta desde a superfície do texto, no seu planeamento gráfico, repercute no discurso, que realça, a par dos serviços oferecidos, a própria figura do anunciante – videntes, cartomantes, astrólogos e outros”. É assim que, no primeiro caso, o próprio fato de se tratar de um anúncio de uma cartomante já é suficiente para determinar a ocorrência de diversas expressões que poderiam ser resumidas pela seguinte fórmula:

(1) PROBLEMAS (espirituais/físicos/amorosos/psicológicos/financeiros)

↓

SOLUÇÕES (ciências ocultas: grafologia/astrologia/búzios/cartomancia)

Pinto (*op. cit.*, p. 52) observa que a intermediação de um profissional do ramo – “habituaado às praxes na execução de textos encomendados” – é responsável pelo caráter formular dos folhetos volantes, pois “esse intermediário, apesar de ser, também ele, um falante popular, tem consciência do que se espera de um texto escrito para a finalidade em questão. (...) Como a praxe o comanda, o texto surge como uma grande fórmula, em que se consagra uma tradição de linguagem”. É por essa razão que podemos encontrar, nesses textos, trechos inteiros absolutamente previsíveis⁶:

(2) “Não jogue fora este folheto, pois ele pode ser útil a você, um parente ou um amigo. Quantas pessoas sofrem sentem-se

⁶ Qualificamos tais trechos/textos de previsíveis na medida em que as hipóteses e expectativas que o leitor cria sobre o texto já a partir de seu tema/título tendem a confirmar-se no decorrer da leitura. Para uma exploração da noção de construção de hipóteses e projeções interpretativas, cf. Reboul (1988). Embora suas observações refiram-se a textos de ficção, acreditamos que elas podem estender-se a outros tipos de discurso.

embaraçadas e experimentam o amargo sabor da infelicidade. Atormentadas por forças invisíveis, não sabendo como liberar-se.”

- (3) “Você anda desanimado, amargurado, alguma coisa não lhe dá certo”⁷

De acordo com Pinto (*op. cit.*, p. 52), “da prática apenas situacional de um tipo de linguagem consagrada, por parte de um mesmo usuário pouco afeito ao exercício lingüístico de outro nível, resulta certa inabilidade na manipulação da linguagem escrita, notadamente no plano abstrato que é o das relações sintáticas”. Nós iríamos além: essa inabilidade não se nota apenas no plano das relações sintáticas, mas também – se não principalmente – no plano da *textualização*: embora a organização superficial desses textos não corresponda ao padrão culto da língua, não é isso o que neles mais chama a atenção. Na realidade, o que esses textos mostram é uma tentativa de adequar seu conteúdo a um *molde preestabelecido* – e daí também resultam inabilidades e irregularidades. Relativamente a essas irregularidades e inabilidades, não podemos deixar de notar, com Pinto (*ibid.*), que “como [tais textos] pretendem cativar, seus produtores expandem-se em construções de que não detêm o devido controle”. Assim, conjuntamente com a tentativa de adequação a um modelo de texto preestabelecido, o desejo de cativar e impressionar o leitor é responsável pelos problemas que se notam nesse tipo de texto.

Paralelamente, pode-se ainda notar que esses textos desenvolvem o que Pinto (*op. cit.*, p. 53) chama de “retórica de convicção”, o que faz com que apresentem uma certa complexidade, a qual “decorre da importância de realçar não só a natureza dos serviços oferecidos, mas também as qualidades pessoais de seu prestador, assim como as carências e deficiências do destinatário”. Nesse esforço de realce da qualidade dos serviços oferecidos e da confiabilidade do prestador de servi-

⁷ Nesse ponto, ou o autor quis significar “coisa alguma” em lugar de “alguma coisa”, ou quis apresentar um enunciado interrogativo, ou ambos. Qualquer que tenha sido sua intenção, porém, consideramos que o mais importante é que esse tipo de equívoco se constitui em mais uma evidência de que importa muito mais a forma do que o conteúdo.

ços, podemos muitas vezes encontrar, nos folhetos volantes, a ocorrência de termos e expressões cuja função é conferir ao texto um aspecto mais técnico, como se vê em (4):

- (4) “D. Patricia é filiada na FPUC AGRO BRASILEIRO, fundada em 19.11.1975, Registro nº 4.032, CGC 77.997.856/0001-08”⁸

Além de conferir ao texto um aspecto de “tecnicidade” – ou justamente por isso –, esse conjunto de siglas, números, data e registros acaba por conferir maior confiabilidade ao produto anunciado – sem contar o fato de que a sigla inicial, “FPUC”, lembra em muito a de algumas das universidades mais respeitadas do país...

Encontramos em Ducrot (1977, p. 25) a explicação para o que, nas palavras do autor, revela-se através de “certos empregos de palavras técnicas ou palavras poéticas, ou ainda de expressões conhecidas por pertencerem a modos de falar de determinada pessoa ou grupo social – e cujo emprego deve associar o que é dito às idéias ligadas a tal pessoa ou grupo”: nesses casos, “o que é significante não é mais a simples forma material da palavra, mas o fato de ela ter sido empregada (tomada globalmente, como um complexo que comporta, ao mesmo tempo, significante e significado)”.

Assim como T1, também T2 (o convite para a festa junina) parte de condições de produção bastante rígidas, já que o próprio convite é um lugar-comum, do mesmo modo como o é uma festa junina⁹. Nesse caso, então, o que acontece é que já há uma superposição de lugares-comuns na própria gênese do texto, fator que determina de maneira contundente as ocorrências encontradas. Desse modo, não é difícil antecipar o surgimento de expressões como:

⁸ Acreditamos que, por um erro de impressão, onde se lê “AGRO-BRASILEIRO” deve-se ler “AFRO-BRASILEIRO”.

⁹ Em termos mais técnicos, podemos nos referir aos chamados *modelos cognitivos globais*. Nesse caso, o que estamos chamando de “lugar-comum” – a festa junina –, constitui um *frame*, e até mesmo um *script*. Ver, por exemplo, Fávero (1993), Koch (1997), Koch e Travaglia (1997).

(5) “(...) tem o grande prazer em convidar V. Sa. e Exma. Família para mais uma grandiosa festa junina”.

Mas essa antecipação (cf. n. 6) não se dá apenas no nível das frases ou do léxico. Também a programação da festa é facilmente previsível – isto, evidentemente, devido ao fato de que se trata de um evento bastante estereotipado¹⁰. No que diz respeito à estrutura sintática, T2 se apresenta como um exemplo particularmente feliz do uso de adjetivos, como se pode ver nos seguintes trechos:

- (6) a. “sensacional festival sertanejo”
- b. “famosas duplas de Pedreira”
- c. “brilhante apresentação”
- d. “formidável quadrilha”
- e. “espetacular gincana”
- f. “extraordinário rancho folclóri[co]”

Deve-se notar que, além de serem utilizados em abundância, os adjetivos são, em sua maioria, superlativos. Mais do que isso, porém, o que chama a atenção é o fato de que em todos os casos a ordem utilizada é ADJETIVO-SUBSTANTIVO/SINTAGMA NOMINAL, e não – como se poderia esperar – SUBSTANTIVO/SINTAGMA NOMINAL-ADJETIVO. Cremos, também, poder dizer que o próprio fato de terem sido escolhidos adjetivos superlativos é que, em última análise, determinou sua ocorrência numa certa ordem. Evidentemente, o uso de tais adjetivos tem como função fazer com o leitor pense (perceba?) que as atrações da festa absolutamente não são banais (como por exemplo o indica a própria etimologia de *extraordinário*).

Mais uma vez, podemos notar que os recursos lingüísticos utilizados – alguns dos quais à primeira vista poderiam ser considerados como característicos da língua padrão – manifestam uma evidente dificuldade em lidar com o mesmo nível de linguagem que esse tipo de

¹⁰ O que não significa, é claro, que certos detalhes possam variar. Ver, a esse propósito, Fávero (1993) e Koch (1997).

texto busca espelhar. Como observa Pinto (1996, p. 51), “é possível que essa ausência de controle sintático do texto esteja em relação com a tendência já assinalada em relação ao vocabulário, de impressionar o destinatário mediante uma elaboração de linguagem que não se apóia, no entanto, nos recursos lingüísticos adequados a essa finalidade”.

Se T1 e T2 procuram oferecer serviços ao destinatário, tentando convencê-lo de que os serviços anunciados podem lhe interessar; T3 e T4, sendo textos cuja natureza podemos considerar como *política*, procuram persuadir o destinatário a aderir a uma dada posição em relação aos problemas particulares a que fazem alusão. Por essa razão, entre outras, T3 e T4 possuem características ligeiramente diferentes das que apontamos em T1 e T2, conforme detalharemos a seguir.

6. TEXTOS 3 E 4

Os dois últimos textos se apresentam sob uma forma diferente dos dois primeiros, isto é, eles são construídos de modo a manifestar um conjunto de características formais que definem o que se convencionou chamar de ‘texto’. O que pretendemos dizer é que, se T1 e T2 exploram mais o período, T3 e T4 vão mais além, e exploram as relações *entre os períodos*. Assim, em T1 e T2 encontramos, no mais das vezes, o período simples como unidade sintática máxima. A relação entre as diferentes unidades sintáticas nesses dois casos se dá de modo mais frouxo¹¹ do que em T3 e T4. Estes dois últimos, por sua vez, sendo textos em que se procura provocar no leitor uma tomada de atitude, em que se procura convencê-lo e persuadi-lo, apresentam uma coesão maior entre suas unidades sintáticas e possibilitam, por essa razão, a observação de particularidades até aqui não comentadas.

Como se trata de um texto (unidade em que se exploram e se marcam de maneira mais visível as relações entre os elementos que a

¹¹ Principalmente na última parte de T1, que é referencial, e quase em totalidade em T2, justamente porque, à parte a fórmula inicial, o convite apenas traz informações sobre o local, a data, as atrações da festa.

compõem), em T3¹² podemos perceber, de modo mais claro que em T1 e T2, a tentativa, por parte de seu(s) autor(es), do que chamamos *procedimentos de sofisticação do texto*, principalmente por meio das escolhas lexicais. É assim que notamos o uso de expressões como

- (7) a. “sob os aspectos”
- b. “em função de”
- c. “em razão disso”
- d. “a única maneira viável”
- e. “nítido objetivo”
- f. “irredutível determinação”

Apesar, portanto, de apresentar características diferentes com relação à organização de sua macro-estrutura, no nível da micro-estrutura T3 apresenta características semelhantes às que encontramos em T1 e T2. Note-se, nos exemplos acima, que não são apenas as escolhas lexicais que se utilizam com o objetivo de produzir um efeito de sofisticação do texto, mas – como em T1 e T2 – lança-se mão igualmente da inversão da ordem: ADJETIVO-SUBSTANTIVO (cf. 7e, f) parece ser a ordem preferencial nesses tipos de texto. Essa semelhança se verifica igualmente no nível semântico, pois nesse texto também é bastante visível o uso de expressões que podemos considerar como lugares-comuns, tais como

- (8) a. “[o] Trinômio ENSINO/PESQUISA/EXTENSÃO [é o] papel fundamental da Universidade”
- b. “[a Faculdade de Engenharia de Limeira] atravessa uma crise sem precedentes”
- c. “a pesquisa é coisa de poucos heróis”

¹² Acreditamos que algumas informações sobre a situação em que foi produzido esse texto são necessárias para sua melhor compreensão: o curso de Engenharia Civil da Unicamp foi sendo gradualmente transferido do *campus* de Campinas para o de Limeira (cidade distante de Campinas cerca de 50 km), a partir de 1983. A comunidade universitária, contudo, mostrando-se insatisfeita com a mudança, passou a reivindicar a volta das instalações para Campinas. Esse movimento reivindicatório ficou conhecido como “Muda Civil”. A partir de 1989, as instalações da Faculdade de Engenharia voltaram para Campinas. Por sua vez, a população de Limeira mostrou-se, de modo geral, contrária à mudança.

- d. “[o *campus* de Limeira] deve ser melhor aproveitado com cursos adequados à realidade a qual o município se insere”
- e. “a politicagem eleitoreira faz (...) fisiológica campanha”

Em duas dessas ocorrências – (8c, e) – encontramos um efeito bastante interessante desse procedimento que consiste em encadear clichês: a superposição de chavões. Em (8c), cruzam-se dois lugares comuns: por um lado, “a pesquisa é coisa de heróis” e, por outro, “[há] poucos heróis”. Em (8e), há a superposição de pelo menos três chavões: “politicagem”, “eleitoreira”, e “a politicagem eleitoreira faz fisiológica campanha”.

Podemos ver, também, que esses exemplos ilustram um efeito paralelo do encadeamento de chavões: o excesso de clichês é fonte de pleonasmos, de repetição de idéias.

É em T4, no entanto, que encontramos a exemplificação mais evidente do processo de construção a que chamamos ‘encadeamento de chavões’. Examinando esse texto, poderíamos mesmo dizer que, dado o tema central – “ditadura” –, e considerando esse item lexical como “detonador”, o texto foi construído segundo um processo do tipo “idéia-puxa-idéia”. É assim que explicamos o surgimento de ocorrências como

- (9) a. “aqui estamos para o bem da verdade”
- b. “briga a esse baixo nível”
- c. “a chapa da situação tem medo de perder o poder”
- d. “joga sujo com os estudantes tomando uma atitude politqueira”
- e. “política estudantil para lutar pelos benefícios dos estudantes”
- f. “politiqueiros inimigo número um da educação”
- g. “tem medo da democracia porque são filhotes da ditadura”
- h. “democracia só há quando os estudantes tem direito de opção”
- i. “usa o mecanismo da ditadura”
- j. “pela democracia vamos todos a assembléia defender nossos direitos”
- k. “vamos gritar bem alto: viva a democracia e a liberdade”
- l. “saia ditadura”

- m. “você ditadura já morreu”
- n. “vamos todos a assembléia defender nossos direitos iguais”
- o. “pela democracia com intensa participação”

É interessante notar que, apesar de o propósito desse texto ser a discussão das eleições para o grêmio da escola, o que se vê é uma discussão a respeito da ditadura – mediada, é bem verdade, por acusações contra a atitude da chapa da situação, atitude esta considerada como “ditatorial”.

Ao levar ao extremo o procedimento aqui analisado, T4 leva ao extremo também a superposição de chavões – como ocorre entre “defender nossos direitos” e “direitos iguais”, por exemplo –, motivo pelo qual a própria delimitação dos lugares-comuns torna-se algo dificultosa. Com certeza, a inabilidade na construção do texto é responsável pelo tipo de descontrole que observamos aqui. Um descontrole que não é somente sintático, como observou Pinto (1996, p. 51), mas que é também e principalmente *textual*. Em outras palavras, é o próprio processo de elaboração de textos que seu produtor não controla – e que é o principal responsável pelas inadequações que se podem encontrar em vários níveis de análise.

Além disso, T4 exemplifica de modo bastante visível o procedimento de preenchimento dos claros entre dois lugares-comuns. Segundo o que podemos notar, usam-se, preferencialmente, conjunções causais e explicativas (*porque* e *pois*), além de orações finais (com *para* + infinitivo) e gerundivas. A respeito do uso de conjunções, o exame conjunto dos dois últimos textos revela um dado interessante: a utilização de conjunções causais e explicativas, de um lado, e adversativas, de outro, se faz em pares, formados por um item “pobre” e um “nobre” (*porque/pois* e *mas/entretanto*, respectivamente).

7. CONCLUSÃO

Nosso levantamento pára aqui. Como conclusão, podemos, em primeiro lugar, notar que o procedimento de construção de textos a

partir de modelos subjacentes se dá em situações as mais variadas, e que é na verdade a partir de modelos textuais globais que todos nós construímos nossos textos¹³. Em segundo lugar, podemos salientar que não é a existência de um modelo subjacente que faz com que textos como os que comentamos sejam mal realizados. Na verdade, isso decorre do fato de que tais modelos são mal compreendidos. Como já notamos, vendo-se diante de um arcabouço que conhecem mal, aqueles que têm (ou se dão) a tarefa de redigir, muitas vezes tentam impressionar o destinatário mostrando uma elaboração da linguagem que não corresponde aos recursos de que dispõem – e que, portanto, não corresponde à finalidade almejada. Ao mesmo tempo, esses autores mostram que têm consciência do que se espera de um texto escrito – o que lhes falta são os recursos para realizá-lo.

BIBLIOGRAFIA

- DUCROT, O. (1977) *Princípios de semântica lingüística: Dizer e não dizer*. São Paulo/Campinas (SP), Cultrix/Unicamp.
- ECO, U. (1979) *A estrutura do mau gosto. Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva (Col. Debates).
- FAVERO, L.L. (1993) *Coesão e coerência textuais*. 2. ed. São Paulo, Ática (Série Princípios).
- KOCH, I. G. V. (1995) *A Inter – ação pela linguagem*. 2. ed. São Paulo, Contexto (Col. Repensando a Língua Portuguesa).
- _____. (1997) *A coesão textual*. 7. ed. São Paulo, Contexto (Col. Repensando a Língua Portuguesa).
- _____. & TRAVAGLIA, L.C. (1997) *A coerência textual*. 8. ed. São Paulo, Contexto (Col. Repensando a Língua Portuguesa).
- LEMOS, C.T.G. de (1977) Redações no vestibular: algumas estratégias. *Cadernos de Pesquisa*, 23, p. 61-71.
- PÉCORA, A. (1989) *Problemas de redação*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes (Col. Texto e linguagem).
- PINTO, E.P. (1992) *A língua escrita no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Ática (Série Fundamentos).
- _____. (1996) *O português popular escrito*. 2. ed. São Paulo, Contexto (Col. Repensando a Língua Portuguesa).

¹³ Cf., por exemplo, Fávero (1993) e Koch e Travaglia (1997).

SANTOS, Liliane Moreira. *O encadeamento de chavões como estratégia de construção de textos*.

REBOUL, A. (1988) Les problèmes de l'attente interprétative: topoi et hypothèses projectives. *Cahiers de Linguistique Française*, 9, p. 87-114.

SABINO, F. (1984) *Lugares Comuns*. Rio de Janeiro, Record.

SCHIFRES, A. (1994) Le nouveau dictionnaire des idées reçues ou le dîner sans peine. *Les hexagons*. Paris, Robert Laffont.

ABSTRACT: We examine four publications of publicity and politics propaganda. By observing the problems presented by this kind of text, we attempt to show that in their construction, an underlying textual model is used. We propose that the unfamiliarity with the operation of the model that the author attempts to reproduce leads him or her to make use of clichés to fulfill a global structure. This is made in an attempt to touch the reader.

Keywords: discourse, global textual models, cliché, publication.

ANEXO 1

Texto 1

ATENÇÃO

Não jogue fora este folheto, pois ele pode ser útil a você, um parente ou um amigo. Quantas pessoas sofrem sentem-se embaraçadas e experimentam o amargo sabor da infelicidade. Atormentadas por forças invisíveis, não sabendo como liberar-se por meio da Grafologia ou da Astrologia e das Ciências Ocultas Jiako Papusk e dos Búzios e as cartas. DONA PATRICIA irá ajudar você a combater vossos problemas. Tais como: problemas em sua indústria ou comércio, desarmonia em seu lar. Você anda desanimado, amargurado, alguma coisa não lhe dá certo. **FAÇA HOJE MESMO UMA CONSULTA COM A DONA PATRICIA.** Venha fazer uma visita a D. Patricia. Para você tirar algumas dúvidas que o preocupa por meio das Ciências Ocultas Dona Patricia vai lhe dar soluções para seus problemas. Dona Patricia é filiada na F.P.U.C. AGRO BRASILEIRO, fundada em 19.11.1975, Registro nº 4.032, CGC 77.997.856/0001-8 D. Patricia atende em sua residência, de segunda-feira a Sexta-Feira, das 8:00 hs às 20:00 hs e aos sábados até às 18:00 hs. A residência da Dona Patricia fica na

RUA DOS COQUEIROS, 669 – JDM. SÃO PAULO

Esquina com a Rua das Paineiras. Atrás da Garagem da Prefeitura de Americana. Ônibus que passam perto da residência de D. Patricia: Cidade Nova que vem pela av. Brasil e outros ônibus como Jdm. São Paulo, Santa Helena. Esses ônibus saem da estação.

AMERICANA

—

SÃO PAULO

ANEXO 2

Texto 2

C O N V I T E

A Igreja Messiânica Mundial do Brasil, tem o grande prazer em convidar V. Sa. e Exma. Família para mais uma grandiosa festa junina que realizar-se, a nos dias 24 e 25 de junho de 1989, cujo local será na Rua Camargo Paes, ao lado do Clube Nipo-Brasileiro atrás do campo do Mogiano.

PROGRAMA

Abertura: Sábado: ás 17 horas com a presença do Trio-Elétrico da COCA-COLA, com início das barracas.

Atrações: BINGO, COELHO, PESCA, BARRACA DA SURPRESA, JOGOS DE ARGOLAS, DERRUBA-LATAS, CORREIO-ELEGANTE, FOGUEIRA E PAÚ DE CEBO.

Comidas: BAIANA, JAPONESA, FRANGO ASSADO NA BRASA, A MODA PORTUGUESA, CHURRASCO, CACHORRO-QUENTE, PERNIL, MILHO VERDE E DERIVADOS.

Bebidas: QUENTÃO, VINHO-QUENTE, CERVEJA E REFRIGERANTES.

Show: Sensacional Festival sertanejo com as famosas duplas de Pedreira, "LAÇADOR E BOIADEIRO, e SERENATE E SERENITO" e ainda a brilhante apresentação da formidável quadrilha com o casamento caipira.

Domingo: Reabertura ás 9 horas.

Ás 10 horas inicio das atividades de todas as barracas e uma espetacular GINCANA para adultos e crianças.

Atração: Ás 15 horas apresentação da Quadrilha Mirim e mais musicas sertanejas. Queima de fogos em homenagem ao Santo Padroeiro, e para encerramento, a presença do extraordinario RANCHO FOLCLORI VIDEIRINHA DA CASA DE PORTUGAL.

Animação e apresentação de: JERRY da Rádio Jornal de Indaiatuba e José Alves (Formiguinha) da Rádio Clube de Tangarai.

FUNDAÇÃO MOKITI OKADA - M O . A .

ANEXO 3

Texto 3

“MUDA CIVIL” : BOLETIM Nº 03 de 17/08/1988.

A Faculdade de Engenharia de Limeira tem o curso de Eng. Civil totalmente minado sob os aspectos do Trinômio ENSINO/PESQUISA/EXTENSÃO (papel fundamental da Universidade) em função do isolamento a que está submetida. E por isso atravessa uma crise sem precedentes.

Em razão disso alunos e professores a abandonam sistematicamente agravando ainda mais a situação.

Não é estranho o fato de que a FEL não tenha participado da Feira de Tecnologia da UNICAMP pois lá a pesquisa é coisa de uns poucos heróis.

A única maneira viável de fortalecer a Eng. Civil é mudando-a para Campinas, rompendo assim esse isolamento.

A verdadeira conquista do povo de Limeira é o Campus Universitário que possui e que deve ser melhor aproveitado com cursos adequados à realidade a qual o município se insere. Entretanto a política eleitoral faz em Limeira, fisiológica campanha contra a mudança.

A manifestação que o CENTRO ACADÊMICO X DE DEZEMBRO faz hoje tem o nítido objetivo de afirmar a irredutível determinação de levar para Campinas o curso de Eng. Civil. Simplesmente não há mais o que se fazer em Limeira!

ASSINE O MANIFESTO MUDA CIVIL